

## POEMAS

Adelaide Mattana Villa

### HÁ QUALQUER COISA NO AR

Há qualquer coisa no ar...

Mensagens de outros mundos  
tentando o nosso alcançar?

Vozes irmãs que se buscam  
ecos de risos festivos  
de soluços doridos  
pairam no espaço  
perdidos?

Acima do ruído dos homens  
do grito dos pássaros  
do assobio dos ventos  
do bramido das ondas  
do fragor das cataratas  
há qualquer coisa no ar...

Aquém ou além do azul,  
próximo do espírito  
porém longe do olhar,  
encadeiam-se estranhos elos  
de sinfonias esparsas?

Há qualquer coisa no ar...

Algo que a alma apreende  
mas a razão não entende.

## ICONOCLASTAS

Iconoclastas  
deixastes-me apenas  
montão de ruínas  
de onde surgem  
farrapos de almas,  
peças quebradas  
de inutilizados jogos de armar  
que desesperadamente busco recompor.

Minhas mãos sôfregas,  
mãos de naufrago  
no último gesto de vida e esperança  
revolvem, convulsas,  
o monturo de douradas argilas  
régios troféus de aparentes glórias  
de íntegros justiceiros condenando réus  
e encontram, sòmente,  
inconsistentes pés de barro!

## DÚVIDA

Junto à fonte  
o cântaro a transbordar. . .

Podem sêres de muito viver  
tentados pela cobiça  
levá-lo àvidamente,  
sem o entornar?

Levá-lo pode a juventude  
em seus arrogantes gestos  
e pressurosos passos,  
sem o entornar?

Frágeis sêres imaturos  
nôvo brinquedo antevendo  
fôrças terão para levá-lo,  
sem o entornar?

Inesgotável é a fonte  
e o cântaro a transbordar  
perenemente. . .

## LUA

Era rainha dos espaços siderais  
nos versos de nossos pais;  
não pouso intermédio  
que, homem-máquina, buscais;  
era pureza incomparável  
símbolo dos arroubos virginais  
nos sonhos dos poetas.

Vale menos agora  
ou vale mais?

Deixou de ser  
um dos amôres do homem,  
musa loura, distante, nua. . .  
nem mais temores infunde  
pois desvendado foi seu mistério:  
hoje é coisa velha que flutua  
bloco de estranhos minérios.

Vale menos agora  
ou vale mais?

## COVARDIA ?

O cálice vazio e brilhante  
transbordaste-o, Senhor,  
de suor, de lágrimas, de sangue.

A purificação suprema  
devo sorvê-la, devo;  
por que não me atrevo  
se a chama do mistério  
dentro de mim  
tão intensa  
arde?

Demasiada é a graça  
e tão pequenina sou,  
covarde?

## SONHAR . . .

Sonhar à toa  
acordada  
sòzinha  
junto ao mar  
contornando arabescos de espuma  
ou margeando um rio tranqüilo;  
rente à sebe dos caminhos  
aspirando as flôres agrestes  
e violando curiosa  
a intimidade dos ninhos;  
tentando, no campo orvalhado,  
apreender o beijo do sol no relvado;  
escalando a montanha azulada  
enquanto a nuvem que a enlaça  
molemente se esgarça e se afasta . . .

Se em meu vagar percorro  
o próprio país dos sonhos,  
sonhar com que, afinal?

## CONVALESCENÇA

Sentir-se  
nuvem que em tênue gaze se desfaz  
horizonte que não se define  
marulho de onda a se espraia . . .

Sentir-se  
gesto de carinho esboçado  
réstia de luar por uma fresta espiando  
mancha de sol no orvalho bulindo . . .

Sentir-se  
perfume que não se identifica  
primeiro gorjeio tímido desatado  
ressonância de sino acabado de soar . . .

Sentir-se  
coisa frágil, imponderável,  
porque a matéria enlanguesce sob o mal que a domina  
e liberta-se de tudo em que a idéia de fôrça predomina.

## À MARGEM DA ROTINA

Sou o volume  
para o qual não há lugar na estante;  
embora raridade  
o tempo para perlustrá-lo não é bastante.

Sou a incógnita  
solução procurada de um problema;  
embora decifrável  
roubaria o tempo reservado a outro tema.

Sou a estrada  
que tantos gostariam de percorrer;  
embora desejada  
não há tempo para novos caminhos conhecer.

Não caibo no esquema de um roteiro  
que visando ser perfeito  
tem na rotina seu maior defeito.